



Pontos e Contrapontos da Educação Inclusiva nas Escolas Públicas do Município de Siriri/Sergipe

Denivaldo dos Santos¹; Joelson Rodrigues Miguel².

Resumo: Esta pesquisa, Pontos e Contrapontos da Educação Inclusiva nas Escolas Públicas do município de Siriri/Sergipe, têm por objetivo conhecer a percepção de alunos numa perspectiva de inclusão dos mesmos na escola regular. Trata-se de uma investigação de campo, exploratória, qualitativa, com 09 Alunos com deficiência. O Instrumento de coleta de dados foi entrevista estruturada com 08 (oito) questões. Conclui-se que a educação inclusiva é competência de todos, a pesquisa realizada nas escolas do município demonstrou que os alunos têm uma percepção positiva do processo de inclusão adotado na escola. Todos acreditam apreenderem e desenvolverem habilidades e competências. Sua percepção é de que possuem. Concluiu-se que, é necessária uma maior divulgação à comunidade sobre a educação inclusiva, como um instrumento que confere às pessoas com deficiência, maior autonomia, como forma de evitar-se a evasão deste público durante o curso das aulas.

Palavras-chave: Educação. Diferenças. Inclusão. Educadores. Contrapontos.

Counterpoints Points and the Inclusive Education in Public Schools of the Municipality Siriri/Sergipe

Abstract: This research, Points and Counterpoints of Inclusive Education in the Public Schools of the municipality of Siriri / Sergipe, aim to know the perception of students in the perspective of inclusion in the regular school. This is an exploratory, qualitative, field research with 09 students with disabilities. The instrument of data collection was structured interview with 08 (eight) questions. It is concluded that inclusive education is everyone's responsibility, research carried out in the municipal schools showed that the students have a positive perception of the inclusion process adopted in the school. Everyone believes they are apprehending and developing skills and competencies. Their perception is that they have. It was concluded that a greater dissemination to the community about inclusive education is needed as an instrument that gives people with disabilities greater autonomy as a means of avoiding the evasion of this public during the course of classes.

Keywords: Education. Differences. Inclusion. Educators. Counterpoints.

¹ Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil. Mestrado em Educação pela Florida Christian University, FCU, Estados Unidos.

² Docente na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Especialização em áreas de Educação e Artes, Master in Arts - Musicologia - pela Universidade de Campbellsville KY. Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autónoma de Asunción PY. Pós-Doutorando pela Florida Christian University. joelsonrmiguel@hotmail.com.

Introdução

Para uma efetiva implementação de práticas de educação inclusiva nas instituições de ensino é de fundamental importância o envolvimento dos sujeitos com as pluralidades, sem negligenciar as singularidades, quer sejam de ordem patológicas, físicas e psíquicas, que podem estar presentes na escola, nos indivíduos e na sociedade.

O presente trabalho, Pontos e Contrapontos da Educação Inclusiva nas Escolas Públicas do Município de Siriri/Sergipe, têm como finalidade conhecer e discutir as percepções do aluno deficiente sobre o processo de inserção deste público nas escolas regulares. Pretende-se propor reflexões que contemplem alguns aspectos do que tem sido a educação inclusiva, na prática, nos estabelecimentos de ensino objeto do presente estudo.

Busca-se olhar criticamente para esta realidade da educação inclusiva, vislumbrando a problemática: Inferências no processo de inclusão escolar. O estudo foi desenvolvido em três escolas da rede pública de ensino, durante o ano de 2016/2017 no município de Siriri no Estado de Sergipe.

Alunos com Deficiência nas Escolas Regulares

A Educação Inclusiva é a das melhores dádivas, dos últimos tempos, na esfera educacional. Muitas políticas públicas criadas diante de leis e resoluções trouxeram alívio para pais e educadores. Há muitas escolas e espaços públicos sem acessibilidade, alunos com deficiências diversas que não tem que lhes dê a arte de desenvolver suas habilidades, transportes inadequados, e em muitos lugares nem este se tem.

Segundo Orrú (2014):

Ocorre que alguns estudantes na cabem nestes nossos centros de interesse e acabamos nos defrontando coma impossibilidade de enfrentarmos a incerteza, o inusitado, a fluidez do conhecimento, acionando nossas velhas ferramentas intelectuais. Elas nos ensinaram que a padronização do ensino deveria garantir a padronização da aprendizagem, mas sempre existem aqueles que fogem do script, que desafia o instituído. (ORRÚ, 2014, p. 121)

A educação inclusiva para todos não significa o mero cumprimento da Lei. Aplicá-la efetivamente e eficazmente requer dos educadores (de todos os níveis) boa qualificação, antes de mais nada, no que tange à alteridade, no sentido de colocar-se na condição do outro, fazer experiência de estar na mesma situação, condição e lugar, para então ser capaz de ter para com as outras pessoas atitudes semelhantes às que teria para consigo mesmo. Neste sentido, a inclusão começa num eu que se dirige a um tu, cujo efeito deve necessariamente desdobrar-se num nós. Assim pode-se vislumbrar uma amenização das dificuldades enfrentadas pelos alunos especiais.

Vê-se, que a questão precisa de um entendimento mais amplo e profundo; que resulte na criação de uma “cultura da inclusão”. Já há regulamentação, é preciso adequação dos espaços, dos profissionais, das estruturas, a fim de que, os estabelecimentos de ensino sejam espaços de acolhida e de vida para todos, onde as diferenças sejam superadas ou razão de riqueza para a coletividade.

As dificuldades encontradas pelos alunos com necessidades especiais são diversas, pode-se explicitar algumas: dificuldade de locomoção, de leitura, de mobilidade, autonomia, dislexia, deficiência intelectual grave, comprometimento comportamental e de comunicação; distúrbio de comportamento, displasias ectodérmicas com imaturidade emocional e cognitiva, desvio nos olhos, transtorno mental, desvio fonológico, deficiência de coordenação motora global de aprendizagem e imaturidade psíquica e emocional, dificuldade socialização, baixa tolerância a frustração, baixo nível de atenção e compreensão, deficiências auditivas, cegueira e problemas emocionais dentre tantas outras encontradas.

Assim Carvalho (2014) se expressa:

Práticas de diagnósticos clínicos, ela representa uma valiosa observação a importância de identificarmos as necessidades educacionais de nossos alunos, entendendo-se como barreiras intrínsecas para a sua aprendizagem e participação. Barreiras precisam e podem ser removidas, o que vai conferir a proposta da educação inclusiva sua verdadeira dimensão de qualidade. (CARVALHO, 2014, p. 118)

Estas barreiras devem e podem ser amenizadas, são elas que oferecem aos alunos especiais dificuldades para o desenvolvimento de suas habilidades. Medidas psicopedagógicas, estratégias de acordo com a deficiência de cada um em sua singularidade, faz estes alunos se sentirem importantes e com um sentimento vivo de pertença a escola.

Cabe um questionamento, se considera importante na perspectiva inclusiva: Qual é a escola justa e desejável para todos? Não pode ser aquela que se sustente no fato de que todas as pessoas nasceram e sejam iguais, no sentido de uma padronização. Então, pode-se perguntar: igual a quem? Igual em quê? Não se pode acreditar que todos precisam ser iguais em tudo! Pode-se falar de muitas ou algumas desigualdades, por exemplo: desigualdade que a natureza produziu; as sociais (que as pessoas produziram: elite dominante, condições sociais, ações políticas e de partidarismo, contexto religioso/espiritual; questões e costumes culturais etc.). Levando em conta o que é peculiar a cada um, conforme a sua deficiência, urge acolher estes discentes em sua subjetividade e particularidade que lhe é peculiar.

Para Mantoan (2006),

O que define uma pessoa como sujeito? Uma pessoa é pessoa pela sua peculiaridade, sexo, etnia, origem, crença? Será que tratando as pessoas diferentes como iguais, não se está escondendo suas especificidades e excluindo-as dos vários mundos possíveis justamente por causa de tais especificidades? (MANTOAN, 2006, p.16-22)

Não se pode acreditar que um sistema educacional inclusivo funcione de forma satisfatória, tendo como instrumentos políticas pseudodemocráticas, que acabam por se reafirmarem totalitárias. As questões sociais, o problema das diferenças, vão além de tudo que já se tem tentado fazer. Muito embora as tentativas sejam louváveis, porém o aperfeiçoamento se faz necessário dia após dia, num movimento vital de superação de todas as formas de “castração”, que permita que a cultura da vida chegue de forma plena para todos, com suas diferenças e singularidades.

Mantoan (2003) ajuda a ir além nesta compreensão:

Para instaurar uma condição de igualdade nas escolas não se concebe que todos os alunos sejam iguais em tudo, como é o caso do modelo escolar, mais conhecido ainda hoje. Temos de considerar as suas desigualdades naturais e sociais, e só estas últimas podem e devem ser eliminadas. (MANTOAN, 2003, p.18)

Os gestores, coordenadores, professores são os mais notáveis responsáveis para que as diferenças dos discentes especiais, não seja razões para os considerar de lados, em segundo plano, mas que todos possam caminhar juntos, respeitando contudo o ritmo próprio de cada um. Isso será possível com investimento na qualidade destes profissionais.

Um aspecto de grande importância para que a escola adote um programa sério de educação inclusiva é trabalhar a dicotomia igualdade-diferença como riquezas que se complementam e interagem, e não como opostos que se excluem mutuamente. Os alunos com deficiências não são meramente passivos na arte de ensino/aprendizagem, mas ativos, a visão de mundo que trazem é grandiosa, para ser negligenciadas, ou invisíveis.

Segundo Orrú (2014),

O professor deve estar preparado para a sua função, que é de promover o desenvolvimento de seus alunos. Para isso, precisa ter conhecimento dos conteúdos específicos e, na mesma proporção, das práticas pedagógicas disponíveis. (...) o professor tem que conhecer os processos que envolvem o ensino/aprendizagem e não somente os conteúdos específicos das disciplinas que leciona. Quando o professor não conhece as novas práticas pedagógicas, utiliza as antigas, aquelas que foi vivenciada por ele em seu processo educacional, tornando suas aulas maçantes e improdutivas, tendo em vista que novos tempos demandam novas atitudes. (ORRÚ, 2014, p 121)

Quantos pais e mães, cuidadores que não são especialistas e sabem se comunicarem muito bem com seus filhos especiais! Não são profissionais, mas cuidam muito bem. Desta forma, para sanar ou saber lidar com as PNES – Pessoas com Necessidades Especiais, os professores precisam de uma boa qualificação para contribuir com o desenvolvimento destas pessoas.

Na sociedade, particularmente na sociedade brasileira, que adotou o regime democrático propõe-se a igualdade de oportunidades para todos. Assim precisa acontecer na escola. Segundo Skliar (1999), os gestores e professores não conseguem visualizar a necessidade e importância da utilização da língua de sinais dentro da escola e da sala de aula, pois o aprendizado dessa nova língua é solicitado por uma minoria que, para eles, nem conhece a si mesmo. Mas como pode se dar esse processo diante de um sistema educacional que sempre segregou e excluiu? Não se está aqui defendendo um igualitarismo. Não que sejam todos iguais, por que não há um referencial que seja dogmático para todos.

Observa-se que, na prática, mesmo aqueles alunos com deficiência que se encontram inseridos no sistema regular de ensino, continuam sendo isolados dos seus colegas sem deficiência, e em algumas situações pelos próprios professores; o que reforça a lógica do preconceito, na qual a pessoa com deficiência, em função de seu corpo deficiente, é vista sem necessidades e potencial cognitivos, de interações sociais e de aprendizagem.

Segundo Rozek e Viegas (2012),

A exigência pela constante formação de professores, parece pressupor, segundo as autoras, que os docentes não se formam ao exercerem seu trabalho nas escolas, tanto na sala de aula quanto nos movimentos coletivos vivenciados no cotidiano escolar; o trabalho docente pode ser compreendido como uma experiência educativa (ROZEK e VIEGAS, 2012, p 23).

Sabe-se que o grande desafio para o ensino escolar inclusivo brasileiro é encontrar soluções que respondam a questão do acesso e da permanência dos alunos nas suas instituições educacionais, conforme a legislação brasileira e as resoluções internacionais determinam.

O presente estudo, em sua essência, traz a defesa dos direitos dos alunos com deficiência e de todos que por alguma razão são excluídos ou tratados com negligência por serem diferentes, não sendo respeitados em suas singularidades, como se procurou mostrar, ao longo dos tempos. E não só por serem diferentes no que se refere à classe social, sexo, gênero, raça etc., mas ainda por serem portadores de alguma anomalia atípica frente ao que se convencionou de chamar de “normal”.

A escola inclusiva não deve ser aquela que, acolhendo alunos com necessidades especiais, depois que os acolhe, não sabe mais que fazer com eles e, forçosamente, tenta enquadrá-los, de novo, em moldes nos quais eles definitivamente não se adequam.

Mas, ao contrário, a inclusão começa, diante do desafio, na tentativa de pensar que tais alunos precisam de uma atenção mais particularizada e, a posteriori, na efetiva tomada de ação, conforme a demanda vai se apresentando. Pensar e agir como se todos os educandos que determinado estabelecimento recebe sejam iguais, e que precisam aprender as mesmas coisas e ao mesmo tempo, e que devem ter todos os mesmos ritmos, é uma inverdade!

Esta iniciativa pedagógico-educacional tem sido uma luz que permite vislumbrar um novo jeito de viver e ser no mundo hodierno, em que se busca cada vez mais o equilíbrio e a integração do ser humano com o meio ambiente.

Assim, começando pelas escolas, os alunos são educados para adquirirem uma visão crítica já desde as primeiras realidades da vida, bem como desenvolverem uma consciência ecológica, construindo, dessa forma, o alicerce para um mundo que, aliás, começa em cada pessoa, enquanto ser vivo e parte integrante do ecossistema.

Na escola se aprende a olhar e ver o mundo. Com efeito, se este olhar-visão é construído, levando-se em conta uma cultura do cuidado pela vida como um todo, da preservação do meio ambiente como uma casa de todos, pode-se estar fazendo um patrimônio tão precioso, cuja riqueza faz-se indispensável e inalienável para o equilíbrio de cada ser humano e do cosmo; além disso, se está ajudando cada aluno-cidadão a ser corresponsável pela manutenção e conservação de toda forma de vida no planeta.

Conforme Carvalho (2014):

A maioria dos questionamentos as barreiras para aprendizagem participação com as características dos próprios alunos, percebidos como os responsáveis por suas dificuldades pelos desdobramentos que acarretam, na prática pedagógica, em sala de aula. Poucos professores mencionam, como barreiras, suas atitudes frende a diferença; alguns atribuem ao sistema, que nem lhe oferece os justos proventos, nem as condições necessárias para o trabalho na diversidade; porém não foram poucos os que localizaram as barreiras nas famílias. (CARVALHO, 2014, p. 118)

Acerca desses alunos com dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, deficiência física sensorial (cegos, surdos e surdo-cegos), deficiência física não sensorial (paralisia cerebral, por exemplo), deficiência mental, deficiências múltiplas. Somam-se a este grupo os alunos com altas habilidades (superdotação) que necessitam de currículo diferenciado por sua superior capacidade de aprendizagem.

Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais são as que apresentam, normalmente, impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que, em interação com diversas barreiras, podem restringir sua participação efetiva na escola e na sociedade. E estas barreiras precisam ser diminuídas, com a eficiência e a eficácia da escola inclusiva.

Assim Carvalho (2014) se expressa:

Mesmo os poucos professores que revelaram suas dificuldades pessoais em lidar com as diferenças individuais mais significativas, argumentaram que não foram preparados para isso, pois em seus cursos de formação não examinam o tema teoricamente, e, muito menos, nas práticas de estágio. (CARVALHO, 2014, p. 120-121)

Esta realidade se escuta da maioria dos profissionais de essa situação, principalmente dos professores, acarretando uma grande barreira para saber lidar com alunos especiais. Isso implica no abandono de muitos alunos especiais das salas regulares de ensino e dos estabelecimentos educacionais.

Pessoas que não apresentam as características de Necessidades Educacionais Especiais - NEEs são consideradas “normais”. Para bem acolher os alunos deficientes ou com necessidades especiais, o educador profissional de uma instituição inclusiva deveria, entre outros atributos, possuir o seguinte perfil: capacidade de acolher o outro como o outro se apresenta; saber ouvir; tratar com dignidade; saber apontar caminhos; ser verdadeiramente humano; não ser autoritário; saber conviver com as diferenças alheias; ter a capacidade de usar o aparato instrumental disponível a sua função de educador (conhecimento das normas e legislação vigentes; direitos das pessoas com deficiências; saber e adotar as novas técnicas e metodologias inerentes e apropriadas à Educação Inclusiva); ser, portanto, tecnicamente bem qualificado etc.

Assim Carvalho (2014) enfatiza,

Participando da reunião com professores das escolas do Rio de Janeiro, constatei o quanto esses encontros são necessários, inclusive para elevar a estima dos professores. Quantas ideias surgiram no espaço do diálogo da reunião e quantas sugestões foram apresentadas àqueles que se queixavam da aprendizagem de seus alunos e receberam depoimentos estimuladores dos colegas que relataram como haviam procedido em situações similares. (CARVALHO, 2014, p. 120-121)

Para o magistério no ensino fundamental não era obrigatória à graduação em cursos superiores, assim, tinha-se a formação como um curso preparatório (Curso Normal). Para o ensino médio, exigia-se ensino superior como pré-requisito, embora isso mais tardiamente e no âmbito do Rio de Janeiro. Esse cenário talvez explique as dificuldades que a estruturação da Educação no Brasil enfrentou no que se refere à relação professor-aluno; escola-professor e aluno-professor; família-escola; comunidade-escola.

Isto porque segundo Bordenave (2008):

Em matéria de metodologia educacional (os professores) são autodidatas, pois poucos tiveram oportunidade de participar de cursos especializados de pedagogia. Talvez devido a esta falta de preparação didática, muitos professores demonstram insegurança em seu relacionamento com os alunos e, para manter sua autoridade e sua autoestima, recorrem a atitudes protetoras, tais como comunicações muito formais com os estudantes, exagerado nível de exigência nas provas, emprego de ironia e sarcasmo para dominar os rebeldes, e outras. (BORDENAVE, 2008, p. 16)

O professor terá sempre diante de si pessoas, com ou sem limitações físicas e mentais – qual é o ser humano que não tem algum tipo de deficiência ou limitação? – mas sua tarefa deve consistir na valorização da pessoa humana, no cuidado pela vida, no fazer de cada

pessoa, agente de transformação de suas próprias vidas e comprometidos com o processo histórico de transformação da sociedade; uma sociedade onde todos têm vida digna, amam-se, são amados e respeitados com/em suas diferenças, sejam elas quais forem. A pessoa tem direito de ser diferente e como tal deve ser aceita, promovida e ter seus direitos assegurados, mas também estar aberto a cumprir seus deveres.

É peculiar e imprescindível, vislumbrar uma formação consistente para os professores, afim de que, este possam formar seus discentes fazendo-os agentes de transformação da sociedade e, particularmente de suas comunidades singulares. Convém interrogar se nossos professores são nas academias de ensino habilitados para acolher e incluir alunos com necessidades especiais?

Conforme Carvalho (2014):

Os professores alegam (com toda Razão) que em seus cursos de formação não tiveram a oportunidade de estudar a respeito, nem de estagiar com alunos da Educação Especial. Muitos resistem, negando-se a trabalhar com este alunado enquanto outros os aceitam, para não criarem área de atrito com a direção das escolas. Mas, felizmente, há muitos que decidem enfrentar o desafio e descobrem a riqueza que representa o trabalho na diversidade. (CARVALHO, 2014, p. 27)

É necessário olhar para os chamados educadores sociais, isto é, os técnicos e os profissionais de nível superior que juntamente com os educadores convencionais (professores do ensino fundamental, médio e superior), estão habilitados a desenvolver, viabilizar e incrementar outras formas de aquisição do conhecimento, bem como de pensar e criar novos jeitos de compreender e lidar com as diversas situações já conhecidas e também novas, sob um olhar sempre inovador e apaixonante para com os diversos públicos-alvo: crianças, jovens, adultos, e em contextos sociais, culturais e educativos diversos.

Na verdade, o profissional da educação, que assume sua profissão como vocação, bem qualificado e remunerado, fará uma diferença significativa na qualidade do processo educacional. Este profissional trabalha em vários estabelecimentos de ensino e escolas e, por vezes, em outro trabalho para assegurar a sobrevivência, não lhe sobrando tempo para se qualificar e se manter atualizado, conseqüentemente, desenvolve suas atividades educacionais de qualquer jeito, isto é, no improviso. Pedagogicamente, pouca preparação e qualificação dificultam o incremento de seus alunos numa cultura de vida, dentro e fora da escola.

Nesta escola inclusiva, com professor devidamente qualificado, deve acontecer – espera-se que aconteça – a mediação ética e moral, a superação de práticas pedagógicas

discriminatórias, que segregam e excluem; ao mesmo tempo em que se configura na ação educativa, o vetor de transformação social para a equidade, a solidariedade, a cidadania e a justiça.

A boa formação do professor, sendo também continuada, é um compromisso dos sistemas educacionais, que devem ser comprometidos com a qualidade do ensino. Só assim, estes profissionais estarão sempre aptos a introduzir propostas realmente inovadoras, ou seja, mediante a produção de saberes novos, de conhecimentos outros, implantarem novas ações e práticas novas de ensino, com o intuito de responder às características singulares dos alunos, particularmente àquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais.

Muitos professores reclamam que não estão preparados, capacitados, mas acredita-se que tudo isso é uma desculpa para não incluir. Por que o educador chamado facilitador sabe ajudar indivíduos, com patologias ou deficiências de toda ordem, a aprenderem tantas coisas e a tornarem-se autônomos, e o professor “convencional” não? Constata-se a total falta de preparo para a diversidade humana, simplesmente porque no estrito espaço da sala de aula as diversidades não são verdadeiramente pensadas, admitidas, contempladas e, por extensão, não são assumidas como riquezas, mas como limites. Parece haver também, com raízes profundamente arraigadas em preconceitos de toda espécie, uma espécie de “preguiça” tanto moral quanto funcional entre os educadores em todas as esferas da educação.

É de fundamental importância reconhecer que fazer acontecer a inclusão, na prática, dá trabalho, e esta não permite que, desde o primeiro dia de aula, o professor já saiba como serão as suas aulas no curso de todo o ano letivo. Muitos educadores – e isto geralmente lhes é exigido – se prendem ao conteúdo, custe o que custar, como referencial de competência, no estrito cumprimento de sua “missão pedagógica” em relação ao preestabelecido nos chamados conteúdos programáticos, mas sem levar em conta as vicissitudes, os atravessamentos e as singularidades que fazem o processo ensino/aprendizagem, e que o torna – para educadores e educandos – interessante, dinâmico, enriquecedor e, conseqüentemente, eficaz.

Orrú (2014) fala da importância do professor:

Dentre as muitas questões que poderiam ser pesquisadas, buscamos analisar as atribuições do professor de apoio permanente, tendo em vista a necessidade de se compreender a participação deste profissional e as concepções que circulam no tocante ao entendimento deste no contexto inclusivo. (ORRÚ, 2014, p. 134).

Isso mostra a importância do professor para da educação, em particular, da educação em física, química e biologia, para todas as pessoas, como fundamento das conquistas sociais para a promoção de cidadania de um povo, elemento este indissociável da heterogeneidade que o caracteriza e ainda para que esta se torne agente de transformação em sua sociedade.

A atual crise política, que assola o Brasil, traz um discurso contraditório e, às vezes, confuso sobre qualidade de ensino, os instrumentos metodológicos, sociais, educacionais, econômicos, culturais e psicológicos que possibilite interpretar e definir conceitos como normalidade e deficiência. Um país que pouco investe na educação de seus cidadãos ou que burla a lei desviando recursos destinados para esta finalidade corre o risco de caminhar sem atender de forma justa as interpelações da educação como um todo.

Método da Pesquisa

Trata-se de um estudo de campo, descritivo de natureza qualitativa, desenvolvido em escolas públicas de Siriri/SE. Este município conta com uma população estimada de 8.677 pessoas, segundo levantamento em dados documentais de 2015 (IBGE 2015).

As escolas públicas municipais objeto deste estudo, são localizadas na Zona Urbana, a saber: Colégio Estadual Coronel José Joaquim Barbosa, localiza-se na Praça Jackson de Figueiredo – Centro, a única escola com um interprete de Libras; Escola Municipal Abelardo Viera de Menezes, Praça da Bandeira – Centro, Possui sala de recursos bem equipada, mas carece de novos instrumentos; e, Escola Municipal Madalena Santos Silva – Av. Governador Valadares, às margens rodovia estadual. Uma escola com excelente espaço físico, todos os ambientes são acessíveis e com uma grande área verde. Não possui sala de recursos, os alunos são encaminhados para o colégio Abelardo Vieira de Menezes. A amostra constou de 09 alunos das respectivas escolas.

Com relação ao instrumento, este constou de um questionário de perguntas abertas sobre a percepção dos alunos sobre o processo de inclusão de alunos com deficiência nestas escolas, a saber: Você se sente bem na escola?; O aluno diferente é amado e respeitado na escola?; Você sente vergonha de frequentar a sala de recursos?; Você sente bem quando está na sala de recursos?; O que você mais gosta na escola?; Já riram de você por causa de sua

diferença?; O que dificulta sua aprendizagem e sua permanência na escola? E, Pra você qual a importância do professor da sala de recursos?.

Análise e Discussão dos Resultados

A seguir, as respostas dos alunos aos questionamentos da pesquisa.

Tabela 1: **Você se sente bem na escola?**

<i>“Não gosto de estudar, gosto da vida da fazenda. (Aluno 1)”</i>	<i>“Sim” (Aluno 2). “Sim, porque estudo, brinco. É bom”. (Aluno 8)”</i>	<i>“Sim, mas não gosto muito da escola é muito enjoado.” (Aluno 3)”</i>	<i>“[...]Sim porque é bom. Tenho colegas” (Aluno 4) “Mais ou menos, escola estranha, povo fica falando, é horrorosa, dar vontade ficar em casa. (Aluno 9.)”</i>	<i>“Porque é muito bom, muitos colegas, brinco e estudo.” (Aluno 5)”</i>	<i>“Sim. Não tenho o que fazer em casa.” (Aluno 6) “Mais ou menos. Há dificuldades no escrever e estar os dois horários na escola. (Aluno 7.)”</i>
--	--	---	--	--	---

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor/2016

Na tabela 1 são apresentadas as respostas dos alunos com deficiência quando foram perguntados se eles se sentem bem na escola, apresentaram diversas respostas.

De acordo com Izabel Maior, Fisiatra, professora aposentada da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ex-secretária nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, estes indivíduos passam “Da invisibilidade à convivência na sociedade, houve uma longa trajetória representada pelas medidas caritativas e o assistencialismo, correspondentes a ações imediatistas e desarticuladas, que mantiveram as pessoas com deficiência isoladas nos espaços da família ou em instituições de confinamento”.

Estas respostas revelam um ambiente que carece ser mais acolhedor e inclusivo; a fim de que, estes alunos especiais experimentem na escola um ambiente de lar.

Tabela 2: O aluno diferente é amado e respeitado na escola?

<p>“[...]Não. Os caras ficam causando confusão de uma hora pra outra” (Aluno 1)</p>	<p>“[...]Sim, mas quando faço birra, eles mangam e falam para não fazer isso” (Aluno 2)</p>	<p>“[...]Não me sinto respeitado, os guris ficaram falando que sou doido” (Aluno 3);</p>	<p>“[...]Não. Tiram onda, tiro também, antes riam de mim, agora não, se zombarem de mim boto para arrombar, os colegas brigam comigo”. (Aluno 4);</p>	<p>“[...]Sim” (Aluno 5);</p>	<p>“[...]Me sinto amado e respeitado” (Aluno 5);</p>
<p>“Sim. Eu acho. Tem aquelas situações, mas eu acho sim” (Alunos 7);</p>				<p>“[...]Sim todo mundo gosta de mim, até na minha comunidade” (Alunos 8);</p>	<p>“Não. Ficam rindo, enchendo o saco, olha para este parece um doido” (Alunos 9).</p>

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor/2016

Na tabela 2 estão transcritas as respostas dos alunos quando questionados se o aluno diferente é amado e respeitado na escola.

O novo conceito supera a ideia de impedimento como sinônimo de deficiência, reconhecendo na restrição de participação o fenômeno determinante para a identificação da desigualdade pela deficiência (DINIZ, BARBOSA e SANTOS, 2009).

Estas condutas revelam a necessidade de estratégias e metodologias na perspectiva inclusiva. É urgente criar mecanismos que protejam a pessoa, independentemente de terminologia específica ou definições exageradas. A pessoa com deficiência é uma pessoa com necessidades especiais, assim deve ser tratado.

Tabela 3: Você sente vergonha de frequentar a sala de recursos?

<p>“[...] Sinto vergonha porque os meninos vê e diz olha onde ele estuda” (Aluno 1);</p>	<p>“[...] Não. Mainha que não queria deixar eu vir mais” (Aluno 2);</p>	<p>“[...]Não” (Aluno 3);</p>	<p>“[...] Não. Não gosto de frequentar a sala de recursos. Porque não gosto de estudar” (Aluno 4);</p>	<p>“[...] Não. Porque eu acho bom” (Aluno 5);</p> <p>“Tenho vergonha, porque perguntam se é doido da cabeça, “você estuda aí também”, eu não está doido é? Esta sala é muito estranha, parece um hospício” (Aluno 9).</p>	<p>“[...] Não tenho vergonha de ir pra sala de recursos” (Aluno 6);</p>
	<p>“[...] “Sim. Não tenho nenhuma Vergonha” (Aluno 7);</p>	<p>“[...] Tenha alegria, brinco, gosto da sala” (Aluno 8);</p>			

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor/2016

Na tabela 3 estão transcritas as respostas dos alunos com deficiência quando questionados se sente vergonha de frequentar a sala de recursos. De acordo com Alves (2006),

A sala de recursos multifuncionais é, portanto, um espaço organizado com materiais didáticos, pedagógicos, equipamentos e profissionais com formação para o atendimento às necessidades educacionais especiais. No atendimento, é fundamental que o professor considere as diferentes áreas do conhecimento, os aspectos relacionados ao estágio de desenvolvimento cognitivo dos alunos, o nível de escolaridade, os recursos específicos para sua aprendizagem e as atividades de complementação e suplementação curricular. A denominação sala de recursos multifuncionais se refere ao entendimento de que esse espaço pode ser utilizado para o atendimento das diversas necessidades educacionais especiais e para desenvolvimento das diferentes complementações ou suplementações curriculares. (ALVES, 2006, p. 14)

As crianças precisam ser atendidas, valorizadas para que possam desenvolver suas habilidades e competências e tornar-se apto a exercer a cidadania de forma igualitária e eficiente.

Tabela 4: Você sente bem na sala de recursos?

<i>"[...] Não. Eu me sinto muito preso, lá eu desenho, canta e faz atividades" (Aluno 1)</i>	<i>"[...] Sala de recursos sinto gosto mais de ficar no computador" (Aluno 2)</i>	<i>"[...] Gosto. Gosto de fazer dever, lá prefiro a sala de recurso do que a outra" (Aluno 3)</i>	<i>"[...] Sim. Porque é bom, a professora manda fazer as coisas, gosto no computador, atividades com números" (Aluno 4)</i>	<i>"[...] Sim. Porque brinco, estudo, leio, computador, montar casa" (Aluno 5)</i>	<i>"[...] Me sinto bem. usava computador e jogos" (Aluno 6)</i>
<i>"[...] Eu gosto sim. Me sinto bem já usando libras" (Aluno 7)</i>	<i>"[...] Sim, faço dever, computador, desenhar, pintar" (Aluno 8)</i>	<i>"Sim. Tem computador, entrava no facebook, brincava com bola, também, Jogos" (Aluno 9)</i>			

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor/2016

A tabela 4 apresenta as informações obtidas por meio da entrevista realizada com os sujeitos entrevistados sobre como eles se sentem na sala de aula.

Glat (1998) afirma que,

Apesar da integração dos portadores de deficiência ser o discurso dominante na Educação especial no mundo todo, direcionando programas e políticas educacionais e de reabilitação, esses indivíduos, mesmo aqueles inseridos no sistema regular de ensino ou em empregos competitivos, continuam, na grande maioria dos casos socialmente isolados dos seus colegas não deficientes. (...) o problema não é, em sua essência, de natureza legal ou ocupacional, mas sim de natureza relacional, e somente sob esse prisma pode ser melhor compreendido, e quem sabe, minimizado. (...) a questão da integração dos deficientes envolve antes de mais nada o relacionamento entre essas pessoas e os considerados normais'. (GLAT, 1998, p.45)

Na sala de recursos deve se fazer uso de técnicas educacionais que despertem nos alunos especiais gosto pelo estudo e pelas atividades ali desenvolvidas. Uma destas atividades pedagógicas é a tecnologia assistiva recurso que facilita o desenvolvimento de habilidades.

Tabela 5: O que você mais gosta?

<p>“[...] Gosto do Computador” (Aluno 1)</p> <p>“Eu Gosto do Contato, criar vínculos, apesar das dificuldades. Gosto de estar em grupo para estudar” (Aluno 7);</p>	<p>“[...] Gosto mais de ficar no computador” (Aluno 2)</p> <p>Não. (Aluno 8)</p>	<p>“[...] As Brincadeiras” (Aluno A)</p> <p>“Na Escola não gosto de nada, gosto da fazenda, cavalo, música” (Aluno 3)</p>	<p>“[...] Ficar conversando com os meninos, jogos, bola, celular, mexer com o computador, colocar galo para brigar, jogos no vídeo game” (Aluno 4)</p>	<p>“[...] Cavalo, boi, cachorro e gato” (Aluno 5)</p>	<p>“[...] Jogar vídeo game, passear no Shopping” (Aluno 6)</p> <p>“Na Escola não gosto de nada, gosto da fazenda, cavalo, música” (Aluno 9).</p>
---	--	---	--	---	--

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor/2016

A tabela 5 apresenta as respostas dos alunos deficientes quando lhes foi perguntado o que mais ele gosta.

Gadotti (1998) alia ao papel social de professores a esperança em um futuro melhor para a educação brasileira, e o desenvolvimento do gosto por estudar, especialmente na educação inclusiva,

Ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, criar as condições objetivas para que uma educação realmente democrática seja possível, criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de um novo tipo de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo criado pela exploração do trabalho. Esse novo projeto, essa nova alternativa, não poderá ser elaborado nos gabinetes dos tecnoburocratas da educação. Não virá em forma de lei nem reforma. Se ela for possível amanhã é somente porque, hoje, ela está sendo pensada pelos

educadores que se reeducam juntos. Essa reeducação dos educadores já começou. Ela é possível e necessária. (GADOTTI, 1998, p. 90)

Dáí a necessidade da referida tecnologia como ferramenta de desenvolvimento do ensino aprendizagem, uma vez que a tecnologia atrai e diverte os indivíduos e pode ser uma valiosa ferramenta de aprendizagem quando se é utilizado com responsabilidade e foco.

Tabela 6: Já riram de você por causa de sua diferença?

<p><i>“[...]Já riram do meu colega Dadá, o professor deixa, a gente comer na sala” (Aluno 1);</i></p>	<p><i>“[...]Não. Mas antes já riram muito, eu também, mas hoje não faço isso mais, já sou grande” (Aluno 2)</i></p> <p><i>“Nada” (Aluno 8);</i></p>	<p><i>“[...]Já, muitos na sala me chamam de doido (Aluno 3)</i></p> <p><i>“O povo não sabe que sou diferente, também acho que não sou” (Aluno 9)</i></p>	<p><i>“[...]Sim, antes. Agora não, ficava querendo brigar, ficava nervoso” (Aluno 4)</i></p>	<p><i>“[...]Já. Senti mal, sofria Billings, todo mundo ria, fico correndo, como cuscuz com carne, biscoito” (Aluno 5);</i></p> <p><i>“Sim poucas vezes” (Aluno 6)</i></p>	<p><i>“[...]Aconteceu raramente (escondido) mas para mim não” (Aluno 7)</i></p>
---	---	--	--	---	---

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor/2016

A tabela 6 apresenta as respostas dos alunos deficientes quando lhes foi perguntado e se já riram deles por serem diferentes.

De acordo com Bueno (2001) o grande desafio dos sistemas de ensino é implementar procedimentos pedagógicos que respeitem a diversidade social e cultural dos alunos e que contemplem as diversas formas como cada um deles incorpora e expressa o “saber escolar”.

Escola é espaço de acolhida e inclusão, neste sentido, todos devem ser envolvidos no processo de acolhida do outro com suas diferenças.

Tabela 7: O que dificulta sua aprendizagem e sua permanência na escola?

<p>“Ansiedade, fico com o tó querendo ir, pensando não consigo me concentrar” (Aluno 1);</p> <p>“A rotina de estar manhã e tarde na escola, atividades de casa e a falta de comunicação” (Aluno 7);</p>	<p>“A minha mão, porque minha letra é feia e não sei fazer as contas de dividir” (Aluno 2);</p>	<p>“A prova, não gosto de fazer o meu texto” (Aluno 3);</p> <p>“Me ensina a ler, as cores, brincar, um bocadinho de coisas” (Aluno 8);</p>	<p>“Não entro na sala de aula, não gosto de ficar escutando o professor, não tenho paciência” (Aluno 4);</p>	<p>“Ela é importante, porque ela deixa a gente brincar, leva agente para passear no Shopping, casa de Sandra em Aracaju, Parque dos Cajueiros, Orla, Oceanário, nascente do Rio Siriri (Aluno 5);</p>	<p>“Transporte, as vezes sou esquecido pelos colegas nas atividades da escola” (Aluno 6);</p> <p>“Meu eis namorado, quando vejo ele dar vontade de ir atrás dele, os meninos chamam para da sala” (Aluno 9);</p>
---	---	--	--	---	--

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor/2016

As respostas estão conforme afirma Marchesi (2004):

Os alunos são diferentes em seus ritmos de aprendizagem e em seus modos pessoais de enfrentar o processo educacional e a construção de seus conhecimentos. A atenção as diferenças individuais educativas faz parte também de todas as estratégias educativas que se assentam no respeito ao individualidade de cada aluno. Um respeito que, no caso dos alunos com necessidades especiais exige que se proporcione uma educação adaptada às suas possibilidades. (MARCHESI, 2004, p.38)

Essa clientela carece de um cuidado a mais, os professores são formadores da cultura da acolhida e da inclusão.

Tabela 8: Pra você qual a importância do professor da sala de recursos?

<p>“É importante porque ela ensina a leitura e ensina a fazer conta” (Aluno 1);</p> <p>“A professora ajuda, a gente joga, usa computador, faz desenho” (Aluno 7);</p>	<p>“Porque é bom, faz atividade, liga o computador, faz peça de teatro e violão” (Aluno 2);</p>	<p>“É importante ajuda a ler e escrever” (Aluno 3);</p> <p>“Porque se não tivesse ela não tinha sala de recursos, o professor é sempre importante” (Aluno 9);</p>	<p>“Sim. Fazia uma ruma de coisa: Computador, jogos, atividade” (Aluno 4);</p>	<p>“É bom, porque dar atenção, ajuda nos deveres, leva para passear no Shopping, projeto Tamar, parque dos Cajueiros e Orla” (Aluno 5);</p>	<p>“É importante sim, porque melhora a minha língua e mais ainda para o futuro” (Aluno 6);</p>
---	---	---	--	---	--

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor/2016

Perguntou-se sobre a importância do professor da sala de recursos. Conforme os objetivos, que moveram o pesquisador, deste trabalho, pode se dizer que diante dessas respostas que se conheceu mais sobre as práticas inclusivas, opiniões, crenças, de gestores, professores e alunos. E ao mesmo tempo a necessidade de aprofundamento desta reflexão. Eis a frente um grande desafio: criar uma cultura de inclusão, olhar pro outro diferente e o a acolher favorecendo a sua integração e comunhão com todos, promovendo a vida independente de como ela se apresente, vida humana é dom, é graça, acolher a vida e patrocinar a própria paz e felicidade.

SALAS DE RECURSOS – Serviços de apoio à escolarização, montados em espaços próprios e equipados de acordo com as necessidades dos alunos. O serviço é prestado por professores especializados nas áreas de DM, DA, DV, Altas Habilidades para atender aos alunos com NEEs encaminhados pela Equipe Multidisciplinar, de forma individual ou em pequenos grupos. As Salas de recursos têm como meta o desenvolvimento de programas próprios para desenvolver habilidades cognitivas que promovam o acesso dos alunos que apresentam NEEs ao currículo escolar e ampliação do talento. (CARIACICA, 2005, p. 4).

Este pode ser considerado um recurso muito importante no que diz respeito o desenvolvimento integral do educando. Trata-se de um serviço multidisciplinar individual ou em grupo, porém este tem que ser um serviço de apoio constante e com profissionais devidamente capacitados.

Considerações Finais

Admite-se ser possível a todo ser humano, desde que não esteja inteiramente comprometido em suas competências psicomotoras e cognitivas, desenvolver alguma habilidade. Esta se daria por meio de diversas formas de estimulação (práticas educativas especializadas; reabilitação; modalidades esportivas; arte-educação, ressocialização e outros).

Sejam estas deficiências físicas, mentais, emocionais e sociais ou de quaisquer outras ordens, em quaisquer faixas etárias, como foi possível observar durante as visitas nas escolas nas entrevistas realizadas, o desenvolvimento destas competências e habilidades estão presentes nas salas multifuncionais nos estabelecimentos de ensino, inclusive, no pequeno município sergipano de Siriri.

As entrevistas e o suporte teórico-crítico que se utilizou para a elaboração deste estudo, revelou, por exemplo, que uma pessoa com alguma deficiência, talvez do tipo física, pode adquirir significativa capacidade cognitiva, até em curto prazo.

Deficientes percebem seu aprendizado efetivo, e usam com muita propriedade o conhecimento adquirido; e podem ter, posterior reconhecimento do seu aprendizado, desde que lhes sejam oferecidos espaços e oportunidades onde possam colocá-lo em prática.

A educação inclusiva, por ser especial e destinada a pessoas com necessidades especiais, obriga a ações concretas todos os envolvidos: os governos – nas três esferas; a família, (comunidade/sociedade); as escolas e instituições de ensino e, professores, educadores, técnicos; todos para e com os educandos especiais.

Este trabalho deu maior visibilidade ao que já se tem efetivamente posto em prática, mas foi possível observar também, que a demanda ainda está sendo insuficientemente atendida, por falta de uma maior e melhor qualificação dos professores para trabalhar as diferenças, em termos de conscientização sobre a urgência da educação inclusiva.

As escolas da rede pública de Siriri/SE, diante da carência de profissionais qualificados, de adequação espaços físicos, de conscientização sobre a inclusão, revelaram-se com uma política educacional carecendo de ajustes e melhorias para conseguir alcançar o ideal da educação especial neste município.

Constatou ainda, que as inferências no processo inclusão escolar, traz serias consequências negativas no ensino aprendizagem de crianças especiais.

A observação e as entrevistas permitiram crer que as escolas públicas tem sido capazes de adequar suas atividades, a qualquer tipo de aluno, independentemente de suas aparentes limitações, físico-motoras, psíquicas, mentais e outras, desde que, respeitando-se tais indivíduos em suas singularidades e subjetividades. Tais atitudes podem ajudá-los a alcançarem maior autonomização, possibilitando-lhes, assim, maior aceitação na comunidade na qual estão inseridos.

Referências

ALVES, Denise de Oliveira. **Sala de Recursos Multifuncionais:** espaços para atendimento educacional especializado. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2006.

BORDENAVE, Juan, Díaz e PEREIRA, Adair, Martins. **Estratégias de Ensino Aprendizagem**. 29ª ED. Petrópolis. RJ. Vozes. 2008.

BUENO, J. G. S. **A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular. Temas sobre Desenvolvimento**. São Paulo. vol. 9. 2001.

CARIACICA, Espírito Santo. **Plano de Ação e Diretrizes** – construindo uma educação.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is**. Porto Alegre. Mediação. 2014.

DINIZ, Debora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. **Deficiência, Direitos Humanos e Justiça**. Sur, Rev. int. direitos human. vol.6, n.11, São Paulo, Dec./2009.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 2.ª ed., São Paulo, Cortez. 1998.

GLAT, Rosana (org) **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

_____. **A integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão**. Rio de Janeiro: Sette Letras. 1998.

MANTOAN, Mª Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo. Moderna. 2006.

_____. **“Notas para um ‘Emílio’ Contemporâneo”**. In: PENA-VEJA, A.; ALMEIDA, C. R. S.; PETRAGLIA, I. (orgs). “Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação”. Ed. Cortez. São Paulo. 2003.

MARCHESI, Álvaro. **A prática das escolas inclusivas**. In: Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Editora Artmed, Porto Alegre, 2004.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Para além da educação especial: avanços e desafios de uma educação inclusiva**. Rio de Janeiro. Wak Editora. 2014.

ROZEK, M e VIEGAS, L.T. Organizadores. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA, Políticas, Pesquisas e Formação**. Edipucrs. Porto Alegre. 2012.

SKLIAR, Carlos (org.). **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 1ª. Ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

_____. (org.). **Educação e exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial**. 5. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

_____. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8ª ed. Porto Alegre. Mediação. 2016.

_____. **A atualidade da Educação Bilíngue para surdos.** 6ª ed. Porto Alegre. Mediação, 2016.

_____. **A localização política da educação bilíngue para surdos.** In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SANTOS, Denivaldo dos; MIGUEL, Joelson Rodrigues. Pontos e Contrapontos da Educação Inclusiva nas Escolas Públicas do Município de Siriri/Sergipe. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.46, p. 172-192. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 23/05/2019

Aceito 10/06/2019